

TECNOLOGIA

# Sem palpite humano

## Com técnicas de inteligência artificial, novo software é capaz de identificar as melhores alternativas de investimentos

Por ANDRÉ BORGES

A tecnologia começa a impor desafios a mais uma classe de profissionais. Agora, na linha de risco está o gestor de investimentos, profissional que, até hoje, se baseia em sua experiência acumulada em anos e muito “feeling” para orientar investimentos de empresas.

Nos últimos dias, chegou ao mercado uma família de software da brasileira Phynance, companhia que passa a oferecer as primeiras soluções quantitativas de gestão de ativos financeiros ao mercado nacional.

Baseados em modelagem matemática e estratégias quantitativas, os sistemas se alimentam das movimentações de mercado colhidas nos últimos cinco anos. Daí é só apertar o botão. Com uso de técnicas de “inteligência artificial”, o software é capaz de captar rastros que indiquem as melhores alternativas de investimento. Como só trabalham com dados em tempo real, os programas não operam com suposições futuras ou expectativas de mercado.

“Por meio de factais, com teoria do caos, você percebe que há predição de resultado. Mesmo em um movimento caótico, há uma dinâmica na formação de preços. O que você faz ao adotar o modelo quantitativo é tirar a emoção da decisão. O soft-

ware traz disciplina para o operador”, explica o executivo principal da Phynance, Fábio Bretas.

Desenvolvidos por físicos com experiência no mercado financeiro e meio acadêmico, os programas prometem oferecer uma visão mais ampla e completa de possibilidades de investimentos, e não apenas de uma ou outra alternativa, situação que normalmente depende de um “insider” do mercado financeiro.

Basicamente, o que um dos softwares da companhia faz é selecionar as dez melhores opções para investimento entre as cerca de 500 empresas com ativos que operam na Bolsa. Em seguida, o programa prioriza cinco papéis e indica o investimento a ser feito, tudo em apenas dois minutos. “Fazer isso à mão talvez leve umas quatro horas ou mesmo alguns dias”, comenta Bretas.

O executivo garante que a margem mínima de acerto das soluções é de 70%. Os demais 30% de perdas, afirma, não são relevantes para levar embora a rentabilidade do investidor. “O sistema não erra grosseiramente, são erros de qualidade”, diz.

Segundo o executivo da Phynance, já são seis os fundos no Brasil que operam com estratégia quantitativa, entre eles West LB, Boston Eagle Quant e Santander. O objetivo, comenta Bretas, é operar com uma “gestão isenta de



qualquer palpite humano”.

A oportunidade enxergada pela Phynance reside no fato de que, atualmente, cada fundo opera com um software proprietário, ou seja, um conjunto de códigos desenvolvido internamente, e tratado como segredo de indústria. “O Brasil tem mais de três mil fundos, com patrimônio de R\$ 650 bilhões. A tendência é de que essa indústria cresça do lado quantitativo”, diz o executivo, acrescentando que, só em novembro do ano passado, o Brasil contabilizou



operações de 49 mil homebrokers.

Para apoiar suas apostas, Bretas também se baseia no mercado norte-americano. Nos Estados Unidos, fundos como o Axa Rosenberg, que sozinho tem patrimônio de R\$ 100 bilhões, já opera exclusivamente com modelagem quantitativa, isto é, a decisão de compra ou venda vem da máquina.

Oriundo da área de investimentos do Boston, Bretas decidiu montar sua própria empresa para vender as suas soluções quantitativas. A empresa lançou diversos modelos de sistemas

para cada perfil de investidor. Entre as soluções está o Phynance Market, um serviço que pode ser contratado via internet e que está disponível gratuitamente para testes com duração de até 30 dias.

Sem qualquer sobra de saudosismo, Bretas evita dizer que os atuais gestores de investimentos estão com seus dias contados. Mas também não deixa de dar o seu recado. “Não basta contar apenas com a reciclagem profissional como experiência. Esses profissionais terão que contar com uma base quan-

titativa mais sólida. Aí então o seu “feeling” poderá ajudar ainda mais a aprimorar a base quantitativa”, afirma.

Segundo o executivo, estes profissionais precisam procurar uma forma de se qualificarem de forma diferenciada. “Olhe, por exemplo, para os caixas de banco. Há quanto tempo se falava que a atuação desse tipo de profissional iria diminuir? É preciso observar o mercado, o que está acontecendo faz parte de um movimento mundial.” É a máxima que nunca saiu de moda: “it’s just business...”